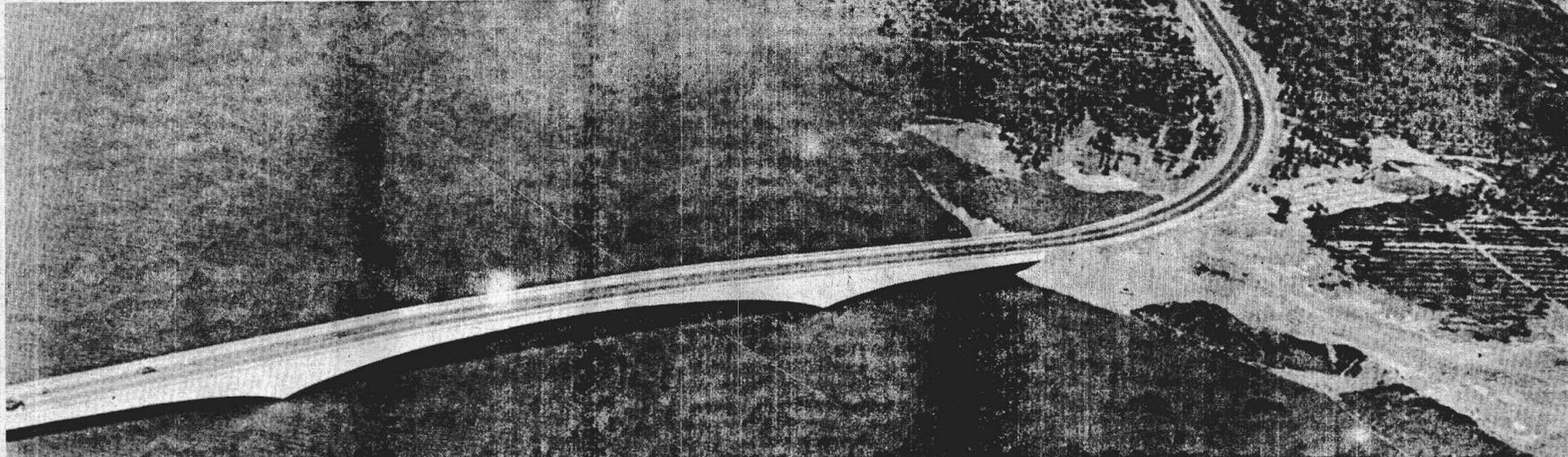


Benedito Coutinho, era um dos papas do jornalismo político quando se deslocou para Brasília, em 1960, para dirigir a sucursal de "O Cruzeiro". Ele viu sair da poeira e do mato a cidade que fez sua. Viu-a encher-se de gente, de carros, de um esplendor apenas seu. E conta o que foi esta aventura humana longe do MAR.



As águas mansas do Lago Paranoá deram vida ao cerrado do Planalto, amenizando um pouco a ausência do mar. Sem o Lago a vida seria impraticável em Brasília.

ONDE ESTÁ O MAR?



Benedito, um testemunho para a história.



Na W/3, a única opção do comércio nos primeiros tempos de Brasília



Hoje, os grandes centros comerciais atraem milhares de pessoas.



Com a Revolução, a festa do povo na praça e a homenagem à Bandeira

O maior temor do Presidente Juscelino Kubstschek, há 16 anos atrás, quando amanheceu

o dia 21 de abril, era que um toró desmedido, desses que anunciam o fim da inverno, batizasse de modo desastroso a sua obra prima de Governo, na hora de inaugurá-la. Mas o dia amanheceu lindo.

Predomina no signo de Taurus, no céu do planalto, uma profunda coloração azul. Nuvens brancas, enormes, multiformes, são, porém, carregadas pela brisa. Houve, de repente, no meio daquela manhã luminosa uma batida d'água. Da terra vermelha e poeirenta subiu um cheiro de tijolo cozinhando. Não havia abrigos em toda a cidade. Nem mesmo se sabia por onde se andava. O eixo parecia um rasgo de barro vermelho. A W3 era a única a mostrar certa conformação de rua. Talvez a preferissem por isso.

Diante da chuva, o Presidente botou as mãos na cabeça. "Lá se foi a festa" - berrou o primeiro magistrado. "Manda chamar o Penido". Ninguém sabia, na realidade, onde se encontrava o Senhor Chefe da Casa Civil da Presidência da República. "Telefona para o Brasília Palace Hotel" - sugeriram.

Eis aí o primeiro ponto de referência da Capital. Quando, em 1957, estive, aqui pela primeira vez, duas eram as construções em andamento: o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. Como todas as coisas de Niemeyer, a gente somente as entende depois delas prontas. Ninguém pode imaginar onde elas começam ou terminam, onde é a frente ou os fundos.

As escavadeiras preparavam o terreno para as fundações do Congresso Nacional. O enorme buraco dava a impressão de que os deputados e senadores legislariam num imenso subterrâneo.

A verdade é que Brasília, no dia do seu nascimento, parecia mesmo um bebê. Somente os pais acham que o recém-nascido parece com alguém. Com eles próprios. Assim era esta cidade. Tinha o nariz chato, a cabeça quadrada e uma cor vermelha arroxeada.

Outra observação interessante a fazer sobre Brasília diz respeito à maneira como a olhavam os parlamentares que, de uma forma ou de outra, autorizaram a sua construção e marcaram firmemente no calendário uma data para se fixarem nela, dando as costas ao mar.

Quando chegou novembro de 1959, Israel Pinheiro e Oswaldo Maia Penido planejaram a visita de caravanas de funcionários, deputados e altas figuras da administração, à cidade para onde se transferiria "o centro das deliberações nacionais". Foi um ano de inverno pesado. Parecia que o mundo ia se acabar quando o trovão estrondava, os relâmpagos cortavam ao meio o céu escuro e aqui e acolá caía um rão.

Todo mundo ia para o Brasília Palace Hotel. Esperava-se uma trégua na fúria dos elementos e se partia com os "futuros" moradores de Brasília. Não

havia onde se por o pé. Se na estiagem era a poeira que castigava, torturava e se entranhava em tudo, na estação das chuvas era uma lama permanentemente, viscosa e pegajenta. Quando os caravaneiros voltavam para o refúgio do hotel, via-se entre eles uma unanimidade absoluta: "Eu praqui não venho de jeito nenhum". O deputado José Bonifácio, que era o 1º Secretário da Câmara dos Deputados, num discurso enorme, como sempre radicalizando a questão, previu o fim do Brasil, quando retornou de uma dessas visitas, acompanhando uma caravana de colegas seus. Seria importante, hoje em dia, uma releitura dessa obra prima de pessimismo, horror e futurologia do caos, processada pelo agora líder da maioria do Governo. Diga-se, porém, uma coisa dele. Quando terminou o discurso, perguntou enfaticamente se, mesmo diante daquele quadro que ele pintara, a decisão era mesmo para mudar. O plenário em silêncio balançou a cabeça de cima para baixo, de baixo para cima, como se aconteceria com as maiorias obedientes e silenciosas. O deputado Zezinho firmou os pés e gritou da tribuna: "Se é para mudar mesmo, então vamos mudar". E daí por diante ninguém o ultrapassou na corrida entre o Rio e Brasília. Ele tomou, dando o exemplo, a iniciativa de fechar a sua casa em Botatogo. "Meu destino mudou de rumo. Agora é de Barbacena para Brasília e de Brasília para Barbacena". Zezinho nunca mais discutiu o assunto.

Morar em Brasília ou para aqui se mudar passou a ser, sem querer filosofar, um estado de espírito. Ou era um bom estado de espírito ou um péssimo estado de espírito. Predominava o segundo.

Quando silenciaram os sinos das catedrais da Europa, apagaram-se as luzes do Palácio do Planalto e as últimas faixas dos fogos de artifícios, queimados ao lado da plataforma rodoviária, se desfizeram no ar, a cidade amanheceu para o seu primeiro dia de rotina.

Brasília deixava de ser o projeto de Lúcio Costa, não era mais o absurdo arquitetônico nascido do cérebro genial de Niemeyer. Todo mundo acordou no dia 22 de abril para ver o que acontecera. Onde ficava a padaria para se comprar o pão? E o mercado, de que lado estava? E vinha então a pergunta mais angustiante, mais dolorosa, aquela que iria perdurar e, diga-se, continua a ser feita constantemente como se um grito de angústia: "Onde está o mar?"

Juscelino quando escolheu Israel Pinheiro para ser o construtor de Brasília sabia, antes de tudo, acima de tudo, que ele era na realidade, de todos quantos o rodeavam, o único capaz de ser o mestre de obra do gigantesco empreendimento. Israel largou a cadeira de deputado, de Presidente da Comissão de Orçamento, largou tudo e assumiu o lugar de capataz de Brasília.

Uma cidade significa, antes de tudo, a existência de uma humanidade para viver nela. E

quando ela deve ser construída no deserto, a exigência do humano é muito maior. É a condição sine qua. Caso contrário, ela será uma ruína. Será Karnak, Biblos, Luxor, sem vida antes de ter vivido. Assim, a preocupação maior dos seus construtores não dizia respeito a transformação da paisagem do cerrado para lhe dar uma feição da futura "urbs". A primeira solicitação do humano era para construí-la. A de vivê-la e convivê-la, constituía a segunda etapa, talvez a mais difícil.

Aconteceu, porém, naquele ano de 1957, quando se deu a arrancada para a construção, que uma seca castigava o Nordeste. Levas e leveas de nordestinos, chamados então de "arigós", inauguravam os "paus de arara". Era a primeira seca que encontrava a Rio-Bahia como válvula de escape. Juscelino, cujo olho apreende um fenômeno político e sociológico com a ligeireza de um raio, viu no fluxo daquela enxurrada humana a solução para iniciar o seu projeto. Os "paus de arara" foram desviados para Brasília. E desses homens, batidos pela seca, se constituiu a primeira humanidade da nova Capital.

Como surgiu o vocábulo "Candango" ninguém sabe. Apenas se supõe que ele veio com os nordestinos. Foram aos dicionários. Lá estava ele: Homem forasteiro que busca trabalho. Mas não foi só de humildes retirantes da seca que se compôs a primeira humanidade de Brasília. Outras partes também chegaram diferentes componentes. No anedotário daqueles dias tumultuosos dizia-se que o mineiro administrava a construção, o paulista ganhava dinheiro com ela, o nordestino trabalhava e o goiano contempilava o milagre.

Ainda não houve uma pesquisa de fundo no particular para buscar as raízes antropológicas de Brasília. Um dia ela se fará e com muito proveito. Uma coisa, então, se revelará e a diremos por antecipação: é que Brasília, à semelhança do Rio, também, *strictu sensu*, se tornou cosmopolita em termos brasileiros, sem deixar de receber do Rio de Janeiro o legado carioca. A prova está no nosso carnaval. Os mais humildes funcionários, para cá transferidos, trouxeram consigo o germe das escolas de samba. Brasília é mais carioca do que goiana. Aí está a determinante. O contínuo, o motorista, os pequenos escriturários não se mudaram de Copacabana para ela, mas de Mangueira, de Madureira, de Vila Izabel e etc. e tal.

Sim, o famoso "Sítio Castanho", como os demais, apontados possíveis de receber a capital dentro do Quadrilátero Cruls, se inseria totalmente em Goiás. Mas tinha uma particularidade que fez-o o preferido de Israel Pinheiro: ele encostava num certo e determinado ponto em Minas Gerais.

A verdade é que Israel Pinheiro, quando tramitava no Congresso a lei da mudança, como relator, aqueceu o último cartucho para que a nova Capital se localizasse no Triângulo Mineiro. Um dia, obrigado a definir-se, vendo que sua luta

era perdida, pensou em dar uma de mineiro: adiar a solução do problema. O tempo se encarregaria de torcer as opiniões que lhe eram contrárias. Convocada a reunião da comissão para ouvir-lhe o parecer, Israel chegou em pânico, com as mãos na cabeça, pode-se dizer, como um desvairado: "Perdi o processo". A luta do futuro capataz da construção não prevaleceu contra a conscientização secular de que a nova Capital, como pensava Hipólito José da Costa, devia ser no Planalto Central.

Muitos enriqueceram. Veio a primeira leva. Ficou rica. O dinheiro ganho tinha que adaptar-se à espiral inflacionária. O pioneiro regressava às origens para administrar a fortuna noutros negócios. Quantas leveas deles passaram por aqui? Ninguém sabe ao certo. Também dos primeiros candangos, poucos restam. Eles seguiram o destino forasteiro. Foram-se. Brasília foi a maior academia jamais aberta para a formação do trabalhador especializado. O universo da sua construção criou o respaldo da construção civil no Brasil. Desde os pedreiros, aos eletricitas e aos bombeiros hidráulicos, passando por toda uma gama de especializações, foram mil, dez mil, incontáveis os caboclos nordestinos que se tornaram profissionais de alguma coisa.

Afinal, vieram os Funcionários Públicos. Uma coisa porém se observe de pronto e de primeira: somente o Poder Legislativo e o Poder Judiciário se mudaram totalmente para Brasília.

Perguntaram a uma aluna de Direito Constitucional qual o mais forte dos Três Poderes. "O Executivo" - respondeu. Contestada pelo Professor que lhe informou sobre a sabedoria de Montesquieu, colocando os três harmoniosamente independentes, ela resmungou baixinho: "Mas é o que pode mais".

Quando Juscelino entregou a Jânio Quadros a faixa de Presidente, naquela manhã de 31 de janeiro de 1960, caiu uma tremenda chuva. Tanto chovia quanto choravam aqueles que foram levá-lo no aeroporto. Juraci Magalhães, que o ex-Presidente queria como seu sucessor, um udenista autêntico, a escada para o retorno, para o JK-65, foi o orador da despedida. Na mesma hora, o funcionalismo juscelinista todo voltou para o Rio, os que tinham ganho cartões e todos os demais.

A cidade ainda era um cantiço de obras. Um vento de inércia a deixaria assim até a Revolução de 64. Quando Jânio veio para Brasília como candidato, botou de soslaio um olhar sobre a paisagem da Capital. Foi ao Alvorada visitar Juscelino. Este, vendo que não tinha havido meios de se livrar da candidatura Lott, retraíra-se para uma posição de espectador das eleições. Recebeu o candidato udenista de braços abertos. Os dois se assentaram ao fundo do salão. A reportagem, condicionada pela corriola do candidato udenista, testemunhou o episódio de uma razoável distância, mas que dava para ouvir o diálogo entre os dois. Jânio puxou um cigarro e

ofereceu a Juscelino. Este que não fumava e não bebia, aceitou a oferta. Os dois fumaram juntos. E Jânio então falou: "Presidente, o senhor construiu Brasília e eu vou humanizá-la".

O eleito e empossado Presidente se esqueceu da promessa. Uma nuvem de tristeza caiu sobre a cidade desde a hora da sua posse. Dos 3.500 "bilhetes" que redigiu, quase nenhum disse respeito à Capital. Sete meses depois, a renúncia.

A cidade começou a viver sua própria História. Poucos poderiam imaginá-la como o epicentro de todos os abalos sísmicos que se processaram desde então. O presidencialismo da 1ª República se descontinuu para dar lugar a um pacto entre políticos e militares para que o sr. João Goulart sucedesse ao sr. Jânio Quadros. O parlamentarismo teve a sua experiência frustrada. Um plebiscito encerrou o melancolicamente. João Goulart, desde então, construiu o trampolim do qual se projetaria para o exílio.

Foi o mais difícil período da cidade. Ninguém sabe quantas vezes nos bastidores do Planalto ou nas camarinhas secretas do Palácio das Laranjeiras se tramou o retorno da Capital para o Rio. O deputado Herbert Levy sabe a história de uma dessas conspirações. A revolução dos sargentos, a repercussão da balbúrdia sindical nos grandes centros, a reação popular ao janguismo e o movimento militar de 31 de março, operaram transformações profundas na vida de Brasília.

Quando o Presidente Castello Branco se empossou e passou a governar, logo deu uma palavra de ordem: esta era a Capital. O Poder Executivo começou então a se transferir, mas muito lentamente, sem pressa de deixar a visão atlântica do Rio de Janeiro. Depois de Castello, os outros Presidentes da Revolução mantiveram-se na mesma linha. Brasília, hoje, é Capital. Os que aqui chegam mal podem imaginá-la sob uma nuvem de poeira, como a embuçar-se do resto da Nação ou, por outro lado, chapinhando sob suas tempestades de verão, numa precária estabilidade política.

A cidade caminhou do barro vermelho para o verde das superquadras. Aqueles que já viram ser gestada no cerrado, que têm a memória do "Chêz Willy", do "Pilango", das tasacas e tavernas da Cidade Livre, testemunharam-lhe o crescimento, reduzem-se cada vez mais. Os chamadas Pitotários, nisto de pioneiros e de otários.

São dezesseis anos de vida. A sua primeira geração está na mesma idade. Não sofreu como as que chegaram depois a nostalgia do mar. O mar, o mar, onde está o mar? - ainda hoje perguntam os que aqui arribaram, trazendo consigo a vivência carioca. O lago cresceu do dia para a noite. Nele, o luar do planalto se espelha magnificamente, mas não deixa de ser um sucedâneo.

Benedito Coutinho